

PRÓLOGO

— Que negra é esta noite para toda a humanidade...

Lorde Edwin McGraw mal escutou o seu próprio desabafo, por entre os assobios do vento, o ribombar dos trovões e os estrondos das ondas revoltosas que se esmagavam contra as fragas. Quedava-se no topo da mais alta penedia da Ilha dos Penhascos, com os olhos presos na Ilha dos Sonhos. A sua capacidade de enxergar através da escuridão permitia-lhe divisar com clareza as formas majestosas daquela que, outrora, fora um verdadeiro paraíso na Terra, símbolo de paz e prosperidade... agora transformada num rochedo carbonizado e estéril.

Fechou os olhos e inspirou dolorosamente, sentindo o cheiro da terra molhada a misturar-se com o odor forte da maresia. Um violento aguaceiro fustigava-o, dilacerando-lhe a pele, quais lâminas de gelo. O seu coração ardia como se estivesse a sangrar... E, na realidade, estava! A chaga que o seu neto Halvard, o Filho do Dragão, lhe abrira no peito jamais sararia por muitos anos que passassem. Lutava contra a comoção, mas as lágrimas escorriam-lhe pelas faces ao recordar o suplício que vivera nos últimos dias.

Após Halvard ter conquistado, pilhado e devastado o Império do rei Bernard, *o Valoroso*, fixara a atenção nos domínios dos seus antepassados. O exército da Grande Ilha enfrentara o Exército do Dragão com imensurável bravura. Inclusive, os camponeses tinham combatido ao lado dos soldados da Aliança, pela liberdade da sua terra. Homens e mulheres desejavam mostrar àquela corja de mercenários que as suas almas não podiam ser conquistadas, nem, muito menos, subvertidas. Contudo, fora uma luta desigual! A cada grito de resistência opusera-se mais de uma dezena de brados inimigos.

Derrotados na batalha da Enseada da Fortaleza, os irmãos McGraw, regentes do território, tinham sido forçados a recuar para o interior da Floresta Sagrada. Os antigos diziam que os espíritos daquele bosque resguardavam do mal todos aqueles que nasciam sob a sua aura abençoada... Porém, no momento da verdade, não houvera entidade, terrena ou sagrada, capaz de preservá-los da selvajaria dos invasores.

O próprio Filho do Dragão fizera questão de liderar a acometida, apoiado pelo rei do Povo do Fogo. O confronto fora duro e cruento. No fim, os troncos dos carvalhos centenários haviam sido feridos pelo ferro dos guerreiros. O sangue conspurcara as águas cristalinas dos ribeiros. O solo da Floresta Sagrada cobrira-se de cadáveres. As labaredas místicas de Deimos transformaram vida em cinzas. E as botas de Halvard tinham espezinhado a derradeira esperança daquele que também era o seu povo. Pensar que estava a destruir as raízes da sua família acirrava-lhe ainda mais a sofreguidão assassina.

Edwin McGraw mantivera-se ao lado do irmão e dos sobrinhos, comandando os soldados com firmeza. No entanto, depressa percebera que a Grande Ilha estava condenada a partilhar do infortúnio do Império e da Ilha dos Sonhos. Preparara-se para encarar a morte com coragem e dignidade... Todavia, mais uma vez, a rainha do submundo obrigara-o a assistir à ruína daqueles que amava, para depois lhe virar as costas e recusar-lhe o conforto do esquecimento.

— Stefan... — soluçou, enquanto os brados aterrorizados do irmão lhe ecoavam dentro da mente, ameaçando enlouquecê-lo. — Não... Não! Não!

Apertou a cabeça e caiu de joelhos, à beira do precipício, soltando urros de ódio e agonia. As recordações assolavam-no, forçando-o a reviver o abominável desenlace do conflito.

O exército dos Aliados da Grande Ilha fora derrotado. Os poucos soldados que subsistiam rodeavam a família McGraw, dispostos a defender os seus senhores até à última gota de sangue. E o recontro final dera-se no coração da Floresta Sagrada, nos jardins da Casa Grande.

Três filhos de Lorde Stefan — Melvin, Kyle e Rice — tomaram com honra e glória, tentando impedir o assalto ao reduto onde se abrigavam as mulheres da família que se tinham recusado a fugir para o Norte. Graças à sua inigualável destreza, Lorde Edwin livrou-se da chuva de ferro que reclamava a sua carne e lançou-se em auxílio de Stefan. Este estava encurralado entre as espadas e os escudos de quatro mercenários... Não obstante, ao aperceber-se da intenção do irmão mais velho, gritou-lhe que acudisse a Aled e às mulheres.

Apesar de recear que aquele pudesse ser o derradeiro fôlego de Stefan, Edwin respeitou a sua vontade. Correu desembestado rumo à porta da Casa Grande, sem que nenhum inimigo fosse capaz de travá-lo. À frente dos seus olhos, contudo ainda longe da sua proteção, Lorde Aled prostrava dois guerreiros... antes de ser trespassado pela espada do Filho do Dragão.

Edwin McGraw clamou o nome do neto por entre os dentes cerrados. Halvard encarou-o e os seus lábios retorceram-se num sorriso mordaz. Livrou-se do corpo de Aled com um pontapé e aguardou... Todavia, quando Edwin estava prestes a alcançá-lo, um vulto vermelho surgiu do nada e intercetou-o com o ímpeto de um aríete.

A pancada foi tão violenta que projetou Lorde Edwin pelo ar. Bateu com a cabeça no solo e, só por pouco, não perdeu os sentidos. Atordoado, lutou contra a névoa que lhe envolvia a consciência e conseguiu sustentar-se. Então, deparou com a figura grotesca e colossal de um ser retirado do mais torpe pesadelo. O rei do Povo do Fogo arrostava-o com olhos ardentes, ao mesmo tempo que lhe soprava fumo para o rosto, com um fio de lava a escorrer por entre as presas. McGraw recuou um passo e ergueu a espada. O demónio soltou um ronco semelhante a uma gargalhada... Nesse instante, a voz de Halvard estrondeou:

— Não, Deimos! Quero-o vivo!

Lorde Edwin arremeteu. A sua espada encontrou a resistência de uma pele rija como couro... E rasgou. O monstro rugiu de surpresa, enquanto um fluido negro e espesso — o seu sangue — lhe escorria do ventre. McGraw recuperou o equilíbrio e tentou um novo ataque. Porém, com assombrosa rapidez, Deimos esquivou-se e lançou uma manápula contra o seu crânio...

O despertar de Lorde Edwin foi lancinante. Sentia a cabeça como um bolbo gigantesco, preenchido com miolos desfeitos. Primeiro, escutou vozes femininas a guinchar de dor e a prantear de desespero... Depois, os berros iracundos e angustiados do seu irmão Stefan:

— Hás de arder por isto, Halvard! Vivo ou morto, irei perseguir-te até aos confins do Inferno!

— Tiveste a tua oportunidade, prezado tio —olveu o Filho do Dragão, impávido. E, perante o movimento de Edwin, motejou: — Eis que o meu avozinho acorda do seu sono restaurador... Já não era sem tempo! Começava a recear que a festa acabasse sem que desfrutássemos de alguns instantes em família. O escol varonil da descendência de Lorde Garrick McGraw reunido no seu salão... Não é comovente?

A custo, Edwin lobrigou para além da bruma que lhe distorcia a percepção. Constatou que estava na ala nobre da Casa Grande... E mal conteve um gemido de horror ante a bediondez que se desenrolava à sua volta.

O Filho do Dragão abriu as portas aos seus generais e os imundos divertiam-se a violentar as mulheres da casa. Cobriam-nas como animais, em cima dos assentos, sobre a mesa, contra as paredes, prostradas no chão... Nem Enya, a esposa de Stefan, fora poupada. Edwin engoliu em seco, ao ver os cabelos brancos da cunhada ensopados em sangue. Devia ter oferecido resistência... E outra coisa não seria de esperar! Na juventude, Enya fora uma guerreira de valor que lutara sob as suas ordens para libertar a Grande Ilha do jugo da feiticeira Gwendalin. Agora, era o neto da execranda bruxa que arruinava a terra dos seus antepassados... O neto de Edwin!

Halvard ocupara o cadeirão mais faustoso do salão. Espetara lanças nos braços almofadados e, no topo destas, enterrara as cabeças de Melvin, Kyle, Rice e Aled. Cuspia dislates sobre o quanto lamentava não poder apreciar a companhia dos restantes tios. Darrin, filho de Edwin, assim como Bryan, filho de Stefan, estavam no Norte, ao serviço do rei Ivarr. Ivo, o varão mais novo de Stefan, vivia sob a proteção da Ilha dos Penhascos na companhia de Lyonette, a filha de Berchan... Mas por quanto tempo? A invulnerabilidade rochosa desse reduto já fora quebrada pelos pupilos do feiticeiro Sigarr, graças à interferência de um traidor. Edwin tinha todas as razões para temer que o refúgio da Guardiã da Lágrima do Sol fosse o próximo alvo do Exército do Dragão.

Entrementes, Halvard continuava a vangloriar-se. Fixava Lorde Stefan, prostrado aos seus pés no meio de uma poça de sangue, e escarnecia:

— Ficarás feliz por saber que o tio Quinn me deu bastante trabalho... É verdade! O teu valoroso filho dispôs-se a defender o amado soberano até ao derradeiro fôlego! Por isso, depois de esventrar o imbecil do Bernard, fiz questão de recompensar a sua lealdade e enfiar-lhe as reais tripas pelas goelas abaixo. Morreu engasgado... Uma terrível fatalidade!

Stefan bradou de fúria. Tentou erguer-se, mas Deimos avançou e enterrou-lhe uma pata nas costas, calcando sem cortêsias. O som de ossos a estalar arrepiou Edwin até ao âmagô. Também ele apelava a todas as suas forças para se suste. Porém, antes que desse um passo, Halvard defrontou-o. E uma luz escarlata emergiu das profundezas gélidas do seu olhar verde-floresta, enquanto reboava:

— Fica quieto, avozinho! Não te impacientes... Já irei conversar contigo.

Edwin urrou, decidido a saltar sobre o neto. Contudo, descobriu-se incapaz de mexer um músculo. Gorgolejou de frustração ao concluir que Halvard o enfeitiçara. Há muitos anos, Gwendalin lançara-lhe um sortilégio semelhante, mas ele conseguira livrar-se da influência maligna... Todavia, a vontade do Filho do Dragão era insuperável.

Com um sorriso deliciado, Halvard levantou-se do seu trono de perversidade e dirigiu-se a Lorde Stefan, mandando Deimos afastar-se. Depois, sem sequer tocar no corpo destroçado, obrigou-o a ficar de pé, igualmente paralisado sob a excelência do seu poder. Aproximou o rosto da face martirizada e provocou:

— Estás curioso por conhecer a sorte da tua majestosa filha Gwenneth? Pois bem, encontrei a minha primorosa tia na capela, rezando fervorosamente por proteção contra o demónio... Contra mim! Era óbvio que a rainha do Império desejava ficar eternamente ligada ao seu Deus. E como sou um homem cheio de boa-fé fiz-lhe esse agrado. Arranquei a cruz do altar e cravei-a no seu peito... Imaginem que a ingrata nem me agradeceu!

Deitou a cabeça para trás e gargalhou. Edwin viu as lágrimas escorrerem pelas faces do irmão e percebeu que Stefan rangia os dentes para não gritar. A expressão do seu tormento só aumentaria o regozijo do carrasco... E a crueldade do Filho do Dragão estava longe de saciada! Edwin sentiu-se gelar quando o neto ordenou:

— Tragam-me a velha e a filha.

Enfim, decidiu dar-lhe atenção. Aproximou-se até prender-lhe o olhar e desdenhou:

— Vovô Edwin... Quantas saudades! Se a memória não me falha, a última vez que nos reunimos foi no castelo do tio Ivarr, tinha eu sete anos... Sim! Lembro-me do carinho com que me abraçaste, ao início da tarde. Prometeste que me ensinarias os segredos das habilidades que faziam de ti o maior guerreiro do nosso povo... Porém, ao cair da noite, já conspiravas com os meus pais para me castigar! Lançavas-me olhares reprovadores, como se o facto de partilharmos o mesmo sangue te enchesse de vergonha.

Lord Edwin prendeu o fôlego. Também se recordava desse dia. Como poderia esquecê-lo? Ficara tão feliz por rever o neto e constatar o quanto ele crescera... Então, Halvard decidira mostrar de que matéria era feito.

Tudo acontecera durante o banquete que o rei Ivarr organizara para celebrar o aniversário da rainha Thora. Familiares e amigos tinham sido convidados, e o castelo vikingue encherá-se de risos, beijos e abraços de sincero afeto. O jarl Eric e a sua esposa, a princesa Helga, eram criadores de cães-lobo, e o seu primogénito, Steingrim, pouco mais novo do que Halvard, fizera questão de levar duas belas crias para mostrar aos primos. Qual não fora o horror das cozinheiras quando, ao mandarem servir o enorme caldeirão de guisado de lebre, se tinham deparado com os cachorrinhos a flutuarem no molho, com a carne a largar do osso.

O pequeno Steingrim descabelara-se a chorar, incapaz de explicar o que sucedera. Jurara ter fechado os animais no quarto que lhe fora destinado,

antes de se sentar à mesa. Apaixonada pelos cães, a sua mãe também ficara desolada. E todo o salão se indignara perante a crueldade injustificada daquele ato. O rei Ivarr exigira que o responsável pelas sevícias se revelasse. Porém, ninguém se manifestara.

A festa prosseguira, mas o arrepiante incidente não fora esquecido. Determinada como só ela sabia ser, a rainha Thora dirigira-se à cozinha e interrogara as jovens que ajudavam as cozinheiras. Nenhuma reparara em nada de anormal... Então, uma petiza surgira de debaixo da mesa e contara que vira um menino com cabelos de ouro e fogo entrar com os cachorros ao colo. Para a loba prateada, não havia dúvidas quanto à identidade desse rapaz.

Confrontado com a torpe acusação, Halvard negara com veemência... Até que a magia do Rei da Lua descera sobre ele e a verdade lhe saltara dos lábios. Como castigo, tivera de se expor diante de todo o salão e pedir perdão ao rei Ivarr, a Steingrim e ao jarl Eric pelos prejuízos que causara. Fora igualmente forçado a admitir cobardia, por não ter confessado voluntariamente a sua falha. Depois, os pais tinham-lhe ordenado que não saísse do quarto até ao fim da festa... Contudo, mal viraram costas, já o filho planeava a sua vingança.

Furioso com o corretivo, Halvard não hesitara em recorrer aos seus conhecimentos da Arte para punir a delatora. Na cozinha, o lume da lareira exaltara-se sem razão e incendiara as vestes da petiza. Se as criadas não lhe tivessem acudido, a infeliz teria morrido queimada. Um acidente horripilante aos olhos das pessoas simples... Porém, Halvard fora incapaz de ludibriar os pais. Perante a perniciosidade da essência do seu varão, a Rainha do Sol e o Rei da Lua tinham-se apressado a regressar à Montanha Sagrada, esperando que a sua aura abençoada pudesse corrigir os desvios que a personalidade do filho estava a sofrer... No entanto, todas as suas diligências tinham falhado catastroficamente!

— Depois dessa noite, aposto que te esforçaste por esquecer da minha existência, avozinho — continuou o Filho do Dragão, terminando num desafio gélido: — No entanto, a partir de hoje, serás incapaz de inspirar um fôlego sem que te lembres de mim! Isso te garanto... velho miserável!

O suor inundava a testa de Edwin, tamanho o esforço que fazia para se livrar das amarras místicas que o imobilizavam. Stefan já desistira de tentar... Todavia, os seus olhos arregalaram-se de pânico quando os mercenários arrastaram Enya, a sua esposa, e Melody, a sua filha, para os pés de Halvard, como este ordenara.

As duas mulheres estavam feridas e desgrenhadas, com os vestidos em farrapos. Tentaram abraçar-se, mas Deimos subjogou Enya pelos cabelos, enquanto o Filho do Dragão deitava as mãos à prima, com os olhos a chispa-

rem de maldade. Melody fora de tal forma brutalizada que a sua consciência vacilava. Reconbeceu o rosto do marido a pairar sobre o cadeirão e, já sem noção da realidade, gemeu um apelo angustiado:

— Aled? Aled... Ajuda-me...

Regalado, Halvard embalou-a e voltou:

— Estou aqui, meu amor... Está tudo bem! Vamos ficar juntos para sempre.

Sob o efeito do encantamento que o primo lhe lançara, Melody acreditou estar a estreitar o marido e derreteu-se no seu carinho. Enya gritou, tentando despertar a filha... Em vão! Alheada, Melody suspirou e ofereceu o pescoço aos beijos ardentes do seu apaixonado. Sem uma gota de pudor, Halvard rasgou-lhe ainda mais o decote e expôs os seios volumosos, alvos como a Lua, declarando num tom inflamado:

— Ninguém diria que pariste seis fedelbos, criatura adorável! Continuas rija e fresca como uma maçã acabada de colber! Sinto ganas de te comer... E é isso que vou fazer!

Os guerreiros quedaram-se a observar o líder. Tudo o que se ouvia no salão era o pranto das mulheres que ainda não tinham sucumbido sob a selvajaria dos algozes, os brados de aflição de Enya... e os vagidos de prazer de Melody, enredada no feitiço. Os dedos de Halvard deslizaram pelo pescoço da presa, afagaram-lhe os seios e detiveram-se no meio da carne túrgida. De imediato, a fulguração ígnea da Arte Obscura incendiou-lhe o olhar e a sua pele começou a cintilar, irradiando um brilho negro repleto de faíscas escarlates.

— O que é que desejas, querida? — sussurrou-lhe ao ouvido. E Melody gemeu, deleitada:

— Quero dar-te o meu coração...

O Filho do Dragão cascalhou... E a sua mão enterrou-se no peito da prima, rasgando carne, partindo ossos, até os dedos se fecharem no coração palpitante. Ainda assim, Melody entregava-se ao homem que a dilacerava, debaixo do olhar terrificado dos pais e do tio. Halvard aguardou um momento, absorvendo as emoções da assistência... Depois, com uma brusquidão selvática, arrancou o coração da prima e arrojou-a para o chão, libertando-lhe a consciência. Melody convulsionou... E expirou com um guincho mortificante.

Enya fremiu como se lhe tivessem retalhado a alma. Incapaz de suportar a dor, perdeu os sentidos entre as garras de Deimos. Edwin também não conteve um ullo transtornado. No entanto, foi para o tio que Halvard se virou. Para horror dos irmãos McGraw e regozijo dos seus generais, lambeu o coração e espremeu-o contra os lábios. Finalmente, cravou-lhe os dentes e devorou-o, pedaço a pedaço.

Deimos soltou um rugido e sacudiu os cornos, extasiado com o espetáculo. Os ombros de Edwin descaíram, quando o seu olhar encontrou o do irmão, despojado de esperança. A pele de Stefan estava cinzenta, os seus dentes batiam e os olhos arregalavam-se em choque, ante o cadáver destroçado da filha. Presenciara muitas atrocidades nas duras batalhas que travara... Todavia, nenhuma se comparava àquela!

De súbito, Enya acordou. E voltou a bramar, enlouquecida pelo terror. Edwin ouviu Deimos rosnar, impaciente, e temeu que ele quebrasse o pescoço à cunhada. Halvard também praguejou, importunado com a interrupção. Como a tia não se calava, livrou-se dos despojos do coração e precipitou-se contra ela, vociferando:

— Silêncio! Já não suporto ouvir-te, velha execrável!

Num ápice, a voz de Enya definiu, usurpada pelo poder do carnífice. Porém, não desistiu de lutar. Ao ver Halvard à sua frente, cuspiu-lhe na cara. Ele semicerrou os olhos, assimilando a afronta. Depois, limpou a face... E projetou a mão, esbofetando a tia até lhe desfazer o rosto.

Stefan bradou e estrebuchou, tentando quebrar as amarras da magia. Por fim, a sua revolta cedeu lugar à súplica:

— Faz o que quiseres de mim, mas não a tortures...

— Halvard, seu cobarde miserável! — interpôs-se Edwin, rouco de ódio.

— Para de massacrar os indefesos e enfrenta-me como um homem!

O Filho do Dragão ignorou-o e arrastou o corpo moribundo da senhora da Grande Ilha até ao marido. Desvairado, sacudiu-a perante o tio e escarneceu:

— Foi a esta mulher que juraste amor eterno, tio Stefan? Pois despede-te dela!

— Stefan... Stefan... — titubearam os lábios massacrados de Enya.

Stefan desistiu de apelar à mercê do monstro que o mirava com sobranceria. Convicto de que todos os McGraw estavam condenados, fitou a companheira com adoração e declarou, tentando apaziguar-lhe o espírito:

— Juro que voltaremos a encontrar-nos, meu amor...

Halvard puxou a tia para trás com um esticão violento. Depois, sem hesitar, desembainhou a espada e decapitou-a com um berro exaltado.

Os generais gargalharam e aplaudiram. Deimos urrou de gozo... E, por instantes, a visão de Edwin turvou-se e os seus ouvidos falharam. Apenas o sabor agreste do fel que lhe inundava a boca o prendeu à realidade. Porém, duvidou seriamente da sanidade que o animava, quando o seu olhar clareou. O tronco de Enya estava estendido no chão, a esvaír-se em sangue, enquanto Halvard segurava a cabeça pelos cabelos e a exibia diante do rosto do marido, estridulando para regozijo dos seus assassinos:

— Não desejas beijar a tua amada uma última vez, bonrado tio? Vá! Beija-a! Quero que essa recordação fique gravada na tua essência para que, quando te matar, me divirta a chafurdar na tua dor, no teu terror, no teu ódio... Beija-a, miserável! Beija-a!

Cativo da magia, Stefan não pôde insurgir-se. E o Filho do Dragão esmagou os lábios sem vida de Enya contra os seus, uma infinidade de vezes, até o senhor da Grande Ilha carpir, à beira da loucura. Então, Halvard arremessou a cabeça da tia pelo ar e começou a saltitar, trauteando:

«A laranja será corrompida, para sempre perdida;
A violeta tombará, decepada pela traição;
A verde penderá sem glória, sob a lâmina gelada;
A vermelha sucumbirá, vítima da própria condição;
A branca vagueará sem rumo, na bruma do esquecimento;
A azul falbará, por fraqueza e inaptidão;
A amarela finará, devassada na essência;
E quando a luz se apagar é chegado o reino das trevas...»

Estacou repentinamente e mergulhou no olhar do tio, rosmando num tom cavo e desvairado:

— Há muito que a maldição das pedras mágicas me fascina! No meu entender, dos sete elos que a compõem, o teu foi o único que não se encerrou. Sim, porque a estulta da minha avó falou... Fraqueza e inaptidão foram coisas que Catelyn esbanjou em vida! E, depois de morta, a sua ingerência nos meus assuntos não tem obtido melhores resultados. — Empinou o nariz e encheu o peito, rematando: — Uma questão intriga-me... O que acontecerá se a imprecisão for concluída?

— Stefan! — gritou Edwin horripilado, adivinhando a intenção do neto. E o irmão esforçou-se por recuperar a voz, replicando sem deixar de fixar o sobrinho:

— Somos seis, mas somos um só! Luta, mano... E nós lutaremos através de ti!
— Não...

O apelo de Edwin soou como um soluço engasgado, quando Halvard se precipitou contra o tio, qual predador voraz. Sem libertá-lo do malefício, prostrou-o no chão e envolveu-o num abraço mortal... Depois, gota a gota, assimilou-lhe a essência, até o corpo ainda pujante se transformar numa casca vazia.

Só quando o coração do senhor da Grande Ilha parou de bater é que o Filho do Dragão tombou ao seu lado. Mais uma vez, o brilho da Arte Obscura fazia-o rutilar como um sol de trevas candentes. Os seus olhos eram poços de labaredas ao encarar o avô. Sorriu e troou numa voz que nada tinha de humano:

— *Tanta força! Tanta integridade... E um poder extraordinário! Não imaginava que a magia do meu ilustre tio ardesse com tanta veemência... Ou tê-lo-ia caçado antes!*

Edwin não conseguia desviar os olhos do irmão, da cunhada, dos sobrinhos e das mulheres que pereciam sob as mãos peçonhentas dos mercenários. O salão da Casa Grande estava repleto de cadáveres! Mais uma vez, as paredes que tantos risos e brincadeiras tinham testemunhado preenchiavam-se de horror e morte. Talvez Halvard estivesse correto e a maldição das pedras mágicas jamais se tivesse desfeito! Stefan acabara de se finar, devassado na essência... E ele estava prestes a perecer às mãos do próprio neto.

— *Acaba com isto, demônio!* — *mastigou, com a frieza destemida de quem já nada tem a perder.* — *Prefiro afundar-me na podridão do submundo do que ser forçado a olhar para ti!*

— *Estou ciente disso, avozinho* — *rebateu Halvard, sustendo-se e defrontando-o sem pressa.* — *Conheço bem a tua história; a ansiedade com que tens buscado a morte. Até podia satisfazer o teu desejo... Mas não sou tolo! Por mais que cobice a tua essência, sei que a sorte condena quem suja as mãos com o sangue de guerreiros abençoados. Por essa razão, Sigarr não matou o avô Throst... E, também por isso, eu não te matarei! Ao invés, vou confiar-te uma missão.*

Quedou-se diante do avô e cravou-lhe os dedos nas faces, como se disposto a estilhaçar-lhe os ossos. Edwin debateu-se, mas foi obrigado a encará-lo... E o Filho do Dragão enunciou:

— *Sigarr propôs ao bastardo da rainha Lyria a troca do teu filho Edwin, meu «adorado» pai, pelas Lágrimas do Sol e da Lua... Ninguém lhe deu ouvidos e eu fui forçado a marchar contra a Grande Ilha. Depois do que aqui se passou, espero que os néscios que vos governam parem de duvidar da seriedade das minhas intenções... E da inexorabilidade da minha resolução. A troca há de realizar-se, sim! E antes do solstício de verão! Já sabes do que sou capaz, carcaça velha... Por isso, vais regressar à Ilha dos Penhascos e convencer a minha mamã e os seus lacaios a cumprirem a minha vontade. Ou, pelo falo do dragão, juro que farei a Ilha dos Penhascos arder até as rochas se desfazerem! Depois, navegarei para o Norte... E não darei descanso à minha espada enquanto existir um ente de sangue viquingue ao cimo da Terra. Com profecia ou sem ela, o trono do mundo há de ser meu!*

Um raio rasgou o céu, mesmo por cima de Edwin McGraw, fustigando-lhe a consciência e arrastando-o para a crua realidade. Haviam-se passado três dias desde que um navio inimigo o despejara

sobre os rochedos da Ilha dos Penhascos, junto à passagem, com o corpo sovado e a mente destroçada. Se o Sacerdote Trygve não o tivesse resgatado prontamente, teria servido de pasto aos *Sentinelas*.

O ribombar do trovão sufocou-lhe os uivos penados. A violência da tempestade parecia alimentar-se do seu desespero. Abriu os olhos e deparou com o precipício. Lá muito em baixo, o fundo do mar estava coberto de rochas aguçadas como lanças. Então, uma vaga furibunda galgou a onda que recuava e esmagou-se contra a fraga, com um estrondo ensurdecedor. Uma montanha de espuma elevou-se ao seu encontro, estendendo-lhe as mãos aquosas, enquanto uma miríade de vozes lhe ecoavam dentro da mente, qual cântico sedutor pejado de antecipação:

«*Vem, guerreiro! Junta-te a nós...*»

Como McGraw desejava ceder! Porém, a morte devotava-lhe tão ardoroso desprezo que seria capaz de lhe desfazer o corpo e, ainda assim, impor-lhe a existência, para se divertir a vê-lo vegetar num leito de sofrimento e frustração, dependendo da caridade alheia para satisfazer as necessidades mais primárias. Se isso acontecesse, «ela» insistiria em ficar ao seu lado até ao derradeiro fôlego, chorando a sua sina. E ver os lindos olhos azuis inundados de lágrimas de piedade haveria de estracinar a réstia de sanidade que o sustinha.

— Edwin! — gritou subitamente uma voz carregada de aflição, como se o seu delírio tivesse assumido forma. — Não, Edwin! Não!

Dois braços rodearam-lhe o tronco e puxaram-no para trás. Eram delicados, mas tão fortes como a determinação que cintilava no olhar celeste que o trespassava. Sentiu-a estremecer... Estava encharcada até aos ossos, completamente enregelada. Porém, as suas faces incandescentes de indignação, ao cravar os dedos cinzentos de frio na pele do seu casaco. Sacudiu-o com ferocidade e rugiu exaltada:

— O que ias fazer? Nem penses em desistir, Edwin McGraw! Não te atrevas a deixar-me!

Ele fitou-a sob a luz dos relâmpagos, fulminado pelo assombro. E só conseguiu titubear:

— Ingrior...?

A filha de Thorgrim tombou contra o seu peito e afundou-se num pranto compulsivo. Edwin abraçou-a, sentindo o coração acelerar e o sangue aquecer. O carinho feminino enchia-o com um ânimo que ele julgara definitivamente perdido. As mãos grandes e grossas ousaram acariciar a cabeleira densa e macia da cunhada, que ainda conservava muitos fios dourados. A herança dos ante-

passados feiticeiros conferia a ambos um vigor que excedia substancialmente a condição humana. Na sua idade, qualquer homem ou mulher comuns estariam a arrastar-se sob o peso da vetustez. Todavia, o neto de Aranwen e a neta de Hakon ainda tinham muita vida para viver... E Ingrior não suportava a ideia de ver Edwin desperdiçar tamanha dádiva.

— Após tantos anos, continuas a ser um tolo inconsequente! — resmungou zangada, por entre soluços. — O nosso povo precisa de ti... Os teus filhos... Kelda...

— E tu, Ingrior? — Não resistiu ele a indagar, aludindo ao seu primeiro desabafo. — Chorarias por mim se eu tivesse tombado na Grande Ilha?

Estava a provocá-la, arroubado com a sua reação, receando e anelando a sua resposta. A verdade é que Ingrior não saíra do seu lado, desde que chegara à Ilha dos Penhascos. Fora ela quem atendera aos ferimentos provocados pela tortura a que Halvard o sujeitara. Depois, fizera tudo para lhe reabilitar o espírito, através da energia curativa. Jamais passara pela cabeça de Edwin ver algo mais nos olhos azuis, além de um carinho fraternal... No entanto, podia jurar que, nesse momento, eram apenas um homem e uma mulher, carentes e desejosos.

— Sabes o quanto te estimo... — replicou a cunhada, atrapalhada ante o calor da voz máscula. — E como compreendo a tua dor! Esta guerra também me roubou os meus irmãos, os meus sobrinhos... Berchan...

Ouvir o nome do irmão fez Edwin engolir em seco. Ciente de que Ingrior o mencionara para aplacar o seu ardor, afastou-se e tentou recuperar a compostura, controvertendo:

— Eu não pretendia fazer nenhuma loucura. Só vim até aqui para refletir... E respirar! O ar do templo sufoca-me! — Ajudou-a a suster-se e a sua voz endureceu, ao ralhar: — Não precisavas de me seguir, debaixo deste temporal... Não quero que fiques doente por minha causa.

Ingrior não o deixou recuar, continuando a arrostá-lo com um ar recriminador:

— Ainda bem que vim! Sei perfeitamente o que estavas a pensar...

— Não, não sabes! —olveu ele no mesmo tom, enfrentando-a sem mesuras.

— Sei! — teimou a vidente. E as lágrimas rolaram-lhe pelo rosto ao acusar: — Estavas a ser tentado pela morte!

— Pelo contrário, procurava uma razão para viver! — altercou o guerreiro, elevando a voz para se fazer ouvir através do estrondo da trovoadas. — E não era a necessidade de proteger o meu povo, nem tão-pouco a sede de vingança contra os nossos inimigos que me preenchiam a mente... Estava a pensar em ti, Ingrid! No brilho dos teus olhos, na doçura da tua voz, na ternura com que cuidaste das minhas feridas... O que é que isso faz de mim? Serei um mau líder para o meu povo? Um traidor da memória do meu irmão? Depois de perder Geirny, jurei que não voltaria a apaixonar-me. Agora, tu surges como uma luz no meio da escuridão...

De súbito, ela cortou-lhe a confissão com um gemido apavorado. Soltou-se dos seus braços e desatou a correr rumo à floresta. Por um instante, Edwin foi incapaz de reagir. Depois, passou as mãos pela testa e arquejou:

— O que foste fazer, seu imbecil?

E precipitou-se no encalço da cunhada, bradando uma súplica:

— Ingrid... Espera! Escuta-me...

Só a alcançou nos trilhos da floresta. Ingrid deteve-se de costas voltadas, apoiada num tronco, esforçando-se por respirar. Edwin ainda esboçou a intenção de lhe tocar no ombro, mas deixou a mão pender, entaramelando compungido:

— Perdoa-me... Por favor, suplico que esqueças o que eu disse! Foram meros desvarios de um velho tonto... Não te zangues, Ingrid! Definharei se perder a tua amizade...

Então, a cunhada virou-se... E, num ímpeto arrebatado, lançou-lhe os braços em torno do pescoço e entregou-lhe os lábios.